



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**AS RELAÇÕES ENTRE O ROMANCE HISTÓRICO E A HISTORIOGRAFIA
OFICIAL: UMA ANÁLISE DO LIVRO “HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA” DE
JOSÉ SARAMAGO**

EDMILLY DOS SANTOS PRADO

RECIFE

2021

EDMILLY DOS SANTOS PRADO

**AS RELAÇÕES ENTRE O ROMANCE HISTÓRICO E A HISTORIOGRAFIA
OFICIAL: UMA ANÁLISE DO LIVRO “HISTÓRIA SOBRE O CERCO DE LISBOA”
DE JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAEADTec, no curso de Licenciatura Plena em História, como pré-requisito para a aprovação na disciplina Monografia.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

**RECIFE
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P896r Prado, Edmilly dos Santos
As relações entre o romance histórico e a historiografia oficial: uma análise do livro "História do cerco de Lisboa" de José Saramago / Edmilly dos Santos Prado. - 2021.
41 f.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em História, Recife, 2023.

1. História . 2. Literatura . 3. Historiografia. 4. Saramago. I. Souza, Prof. Dr. Leandro Nascimento de,
orient. II. Título

CDD 909

FICHA DE APROVAÇÃO:

**AS RELAÇÕES ENTRE O ROMANCE HISTÓRICO E A HISTORIOGRAFIA
OFICIAL: UMA ANÁLISE DO LIVRO “HISTÓRIA SOBRE O CERCO DE LISBOA”
DE JOSÉ SARAMAGO**

A comissão avaliadora composta pelos professores abaixo listados considera a aluna
Edmilly dos Santos Prado: Apta

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

Profa. Dra. Aliete Gomes Carneiro Rosa

Prof. Me. Lenivaldo Idalino de Oliveira Junior

Recife 13/08/2021

AGRADECIMENTOS

Diante de tantos acontecimentos que se antecederam a este trabalho, e que ainda permanecem presente em nossa realidade, tê-lo concluído não teria sido possível sem o apoio e carinho de tantas pessoas que fazem parte da minha vida e que, de alguma forma, me ajudaram a chegar até aqui. Gostaria de agradecer primeira e infinitamente a Deus, por ter me dado forças para permanecer na caminhada e não desistir quando todos os obstáculos pareciam ser maiores do que eu. Esse trabalho é a realização de um sonho, pois desde o início da minha graduação sempre tive em mente que ao fim iria realizar a minha monografia. Quero agradecer também à minha mãe, que sempre foi meu alicerce, meu apoio em meio ao caos, quem sempre me ajudou a persistir e prosseguir na luta pelos meus sonhos e metas. Agradecer aos meus amigos e a minha família por sempre estarem comigo, até mesmo quando eu não pude dar a eles tanta atenção. Ao meu amor, que mesmo diante da minha ausência não me questionou nenhum momento, pois sabia que era necessário aquele tempo só pra mim, e que em breve tudo passaria. Agradecer aos meus professores e tutores presenciais que tanto me ensinaram durante esses quatro anos de licenciatura, onde eu formei a minha base para ser a profissional que eu ainda almejo alcançar ser. Gostaria de agradecer também ao meu professor orientador, Leandro, que foi com toda certeza essencial para que esse trabalho se desenvolvesse e ganhasse forma. Sua orientação foi primordial para mim e serei sempre grata a ele por toda a paciência e cuidado que teve desde o início comigo e com todos os meus colegas da disciplina de monografia. Ao GEHISLIT, grupo de estudos em História e Literatura da PUC - Minas, que foi de onde surgiu meu desejo de trabalhar esse tema tão importante para ambas as áreas, que é a relação entre a Literatura e a História. Também quero agradecer a minha amiga Alvanir, que foi a quem tanto recorri quando sentia que não conseguiria concluir minha monografia a tempo, ou que não seria possível chegar até aqui. Por fim, gostaria de agradecer a UFRPE, quem abriu suas portas para mim, onde tanto aprendi sobre a História e também sobre valores. Cada um de vocês foi, e é, essencial para o meu crescimento e para a conclusão dessa monografia. Muito obrigada!

Dedico esse trabalho à minha mãe, Maria de Lourdes.

"(...) os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo, porque assim como vão variando as explicações do universo, também a sentença que antes parecera imutável para todo o sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio."

- José Saramago - História do Cerco de Lisboa

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO DE LUKÁCS AO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE LINDA HUTCHEON.....	11
2. ASPECTOS CONCEITUAIS DA HISTÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA .	20
3. HISTÓRIA E LITERATURA EM JOSÉ SARAMAGO	28
3.1 A REPRESENTAÇÃO DO CERCO NO ROMANCE E NA HISTORIOGRAFIA	30
3.2 O ROMANCE E A HISTÓRIA EM: HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA	35
CONCLUSÕES	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Em seu livro, "História do Cerco de Lisboa", o escritor português José Saramago recria de forma cônica o acontecimento histórico ocorrido em 1147, onde houve a retomada da cidade de Lisboa pelos portugueses contra os mouros. Nesta obra, o personagem principal é o revisor Raimundo Silva, que está sob a responsabilidade de revisar um livro sobre esse fato, escrito por um historiador, cujo nome não é citado no romance. Desta forma, durante sua revisão, o Raimundo Silva toma uma decisão um tanto quanto inusitada para a editora, e adiciona à obra uma pequena palavra que muda bastante o sentido da real História sobre o Cerco.

O revisor adiciona a palavra NÃO, afirmando assim que os cruzados, que passavam por Lisboa durante o Cerco, não ajudaram o rei D. Afonso Henriques a conquistar Lisboa e lutar contra os mouros. Essa alteração causa dentro da obra uma reviravolta muito importante que muda quase todo o rumo da história oficial já conhecida sobre o cerco de Lisboa, onde na realidade os cruzados ajudaram SIM o rei D. Afonso Henrique a recuperar a cidade.

É a partir dessa obra que analisamos essa relação existente entre a historiografia oficial e o Romance Histórico. Será discutida ao longo desta monografia quais as definições de História e de Romance Histórico, quais são suas semelhanças e diferenças, em que sentido cada um é escrito, suas finalidades etc. São muitos os teóricos, escritores e historiadores que têm se debruçado sobre essa temática nos últimos tempos, entre eles o filósofo húngaro Gyorgy Lukács, com suas obras a respeito do romance histórico e da teoria do romance, onde o mesmo se debruça sobre esses temas e busca, através de seus estudos, dialogar com as relações da literatura com a história por meio de obras ficcionais.

É deveras importante também destacar o trabalho de Linda Hutcheon, escritora e professora universitária canadense. Linda se dedica a áreas semelhantes às de Lukács, desenvolvendo seus estudos também no meio da teoria literária. Desde que a História se tornou ciência, diversas correntes surgiram, cada qual com sua forma de analisar a História e o fazer historiográfico, bem como a análise das fontes, questão pertinente para a metodologia utilizada neste trabalho.

O romance histórico por sua vez é definido por Gyorge Lukács, a partir do qual o mesmo considera ser o marco desse gênero literário o livro *Waverley* do

escritor Walter Scott, autor de muitas outras obras famosas, como *Ivanhoé*. Tais obras foram destaque dentro deste âmbito pelo fato de as mesmas quebrarem com padrões de romances da época, trazendo assim uma nova face pro gênero literário, criando uma quebra de características que consolidou seu autor como um marco, segundo Lukács.

Dessa forma, buscarei a partir deste texto apresentar os conceitos definidos pelo filósofo, dialogando com autores que abrangem o conceito de romance histórico contemporâneo, como Linda Hutcheon. Os trabalhos dela visam uma análise da teoria literária voltada para o contemporâneo, o que irá nos ajudar a compreender melhor as relações entre história e romance histórico na obra de Saramago, pois a mesma está inserida na contemporaneidade.

O século XX foi de grande importância para os avanços dos estudos da História. Foi nessa época, por exemplo, que surgiu “Os Annales”, escola historiográfica que trouxe uma grande mudança dentro das ciências não só históricas, mas humanas no seu todo. Uma das suas contribuições foi ampliar o conceito de fontes, além do estreitamento do diálogo entre as ciências humanas como a história com a arqueologia, a sociologia, a geografia etc. Também houve a fragmentação dos campos da História, a divisão entre micro e macro História, uma relevância dos personagens sociais antes negligenciados pela historiografia, como as pessoas das classes mais pobres.

É dentro dessa discussão que surge a relação entre o romance Histórico e a historiografia. É analisar o impacto social que ambos possuem dentro do fazer historiográfico. Ao escrever um Romance Histórico, o autor não irá simplesmente inventar os fatos, visto que o plano de fundo de sua história se remete à fatos que ocorreram na realidade. Porém, o romancista tem a liberdade de se apropriar dessa história e adicionar nela ou retirar o que achar conveniente. Ao contrário do historiador, que tem seu trabalho debruçado sobre os fatos e o método científico. Mas a questão é, será que o contrário da História é a mentira? Até onde o Romance Histórico não se configura como uma verdade ou ficção? A ficção seria então o contrário da verdade? São questões que serão debatidas e analisadas ao longo deste trabalho, buscando compreender até onde o Romance Histórico e a História se encontram e se divergem.

Ao longo de muito tempo a História foi reinventada e passou por mudanças. Sendo assim, compreender essa realidade da ciência historiográfica, na qual a

mesma não é inerte as mudanças sociais e mentais de uma sociedade, é o que ajuda os historiadores a conhecê-la e compreendê-la, para desta forma poder trabalhar suas metodologias e análises.

Analisar essas relações entre a História e a Literatura, também nos proporciona perceber a evolução da historiografia e de suas perspectivas. É necessário compreender o que está além do que se configura como verdadeiro ou falso. Foi utilizada, principalmente, a análise de documentos escritos, sendo a principal fonte para essa análise o livro “História do cerco de Lisboa” de Saramago. Além dele também, também foram trabalhadas obras de historiadores, como Marc Bloch e Peter Burke, os quais nos ajudaram a compreender todo o percurso da História ao longo do tempo, e também até que ponto a mesma se aproxima e se distancia da literatura. Dentro dessa temática, então, foram abertas discussões sobre a história de Portugal, o cerco de Lisboa e os reis portugueses, tanto na visão da historiografia oficial quanto na visão literária.

Sendo assim, o texto está dividido em três capítulos, onde em cada um deles foram trabalhados os pontos chaves para fazer o estudo dessa relação entre a história e o romance histórico. No primeiro será trabalhado o conceito de romance histórico assim como sua definição, características e mudanças ao decorrer do tempo. Foi analisado desde o romance clássico de Walter Scott até o contemporâneo com Saramago em “História do Cerco de Lisboa”.

No segundo capítulo foi analisado o tema da História, sua definição, a aquisição do status de ciência e de como esse fato influenciou nos estudos da relação entre a História e as outras áreas do conhecimento. Também discutirei o papel da história na obra de Saramago, e de como ela é abordada e representada pelo mesmo em seu livro.

Já no terceiro e último capítulo foi realizada a análise dessa relação entre essas duas áreas, através, principalmente, de reflexões tiradas dos capítulos anteriores e também do livro de Gerson Luiz Roani “No limiar do texto: literatura e história em José Saramago”.

A metodologia utilizada na pesquisa foi inteiramente à base de leituras de artigos científicos relacionados ao tema e também aos livros referentes aos teóricos utilizados para o embasamento das discussões levantadas ao longo do texto. É evidente a importância e relevância de se ter interesses sobre esse tema, visto que por mais que haja muitos estudos a respeito do mesmo, sempre surgem novas

teorias e debates a cerca do assunto que merecem atenção da academia e também dos professores da educação básica que se utilizam de tais pesquisas para embasarem suas práticas na sala de aula.

Foi escolhido o livro “História do Cerco de Lisboa” por ser um romance histórico deveras importante, além de trazer em seu histórico uma rica bagagem que proporciona aos pesquisadores e teóricos da história e das letras fazer uma abordagem proveitosa sobre as muitas relações entre ambos os campos de estudos. A forma como Saramago escreve e tece a sua crítica não apenas a historiografia, mas também a literatura, faz com que seus livros sejam um rico campo de debate metodológico e teórico a respeito das mais variadas temáticas.

1. DO ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO DE LUKÁCS AO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO DE LINDA HUTCHEON

György Lukács foi um filósofo e pensador húngaro, muito importante dentro da área da teoria do romance e do romance histórico. Suas obras são utilizadas até os dias atuais como referências para esses conceitos, além de ser também uma das mais importantes dentro dessa área de estudos entre a História e a Literatura. O filósofo morreu em 1971, aos 86 anos, em Budapeste. Ao se falar desses dois termos é imprescindível que haja uma referência ao escritor, mesmo que após Lukács, muitos outros importantes teóricos tenham debruçado seus estudos a respeito do tema proposto, como é o exemplo de Linda Hutcheon. Linda é uma importante acadêmica canadense, autora de diversos livros e pesquisadora na área da teoria literária.

O Romance Histórico é, dos gêneros literários, o que mais se aproxima da História, tendo em vista o teor de suas obras e as narrativas que permeiam esse gênero. György Lukács, em sua obra “O romance histórico”¹ faz uma grande e detalhada análise do termo, conceituando assim o que se configura por romance histórico, e mostrando ao longo de seu livro características que diferenciam o clássico do contemporâneo, e em que momento o mesmo passou a se interligar cada vez mais com a historiografia.

Segundo Lukács, o primeiro romance histórico, que assim pode ser considerado de fato é o romance “*Waverley*”, publicado em 1814 pelo escritor escocês Walter Scott. Para Lukács, Scott é considerado o primeiro romancista histórico. Como dito anteriormente, houve de fato diversas obras e autores que antecederam *Waverley*, obras essas também com cunho histórico, escritas na Antiguidade e Idade Média, como é o exemplo de “*O castelo de Otranto*”, exemplificado por Lukács em seu livro. Porém, o que diferencia esses romances antecedentes à Scott dos que lhe sucederam, segundo Lukács é que eles: “São históricos apenas por sua temática puramente exterior, por sua roupagem. Não só a psicologia das personagens, como também os costumes retratados são inteiramente da época do escritor.” (LUKÁCS, 2011, p. 33)

Os romances que antecederam o de Walter Scott, por mais que se utilizem de

¹ György Lukács. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011

acontecimentos históricos dentro de suas narrativas, essa abordagem não foi capaz de abranger literalmente os fatos históricos usados, visto que à mentalidade das personagens são as mesmas do autor dessas obras, que nesse caso sucedem esses acontecimentos. Em síntese, escrever um romance que se passa na idade média, onde as personagens possuem os mesmos pensamentos dos dias atuais, não necessariamente configura essa obra como um romance histórico, pois a mesma se utiliza desses fatos apenas como um plano de fundo da narrativa, e não como “o retrato artístico fiel de uma época histórica concreta.” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

O desenvolvimento do romance histórico clássico, apresentado anteriormente, ocorreu em meio a uma Europa em efervescência, em um período conhecido por suas revoluções, em especial a francesa, responsável por múltiplas transformações sociais, econômicas e políticas, não só na França como também em diversos outros países que por ela foram influenciados.

É neste meio de grandes mudanças que surge o Romance Histórico clássico, caracterizado pela notável presença dos fatos históricos precisamente descritos da real maneira como os mesmos aconteceram. Além da mentalidade de seus personagens ser fiel ao momento histórico em que se passa o romance.

Para Lukács, o desenvolvimento do romance de Walter Scott tem suas influências no realismo do século XVIII:

O romance histórico scottiano é continuação direta do romance social realista do século XVIII. Os estudos de Scott sobre esses escritores - estudos que que, do ponto de vista teórico, não são muito profundos no geral - denotam um conhecimento muito intenso, significa algo inteiramente novo. (LUKÁCS, 2011, p. 47).

Para Lukács, essa mudança ocorrida do romance social realista para o histórico presente nas obras de Walter Scott pode ser observada e descrita por Balzac:

E Balzac ressalta, em sua crítica a *A cartuxa de Parma*, de Stendhal, os novos traços estéticos que o romance de Walter Scott introduziu na literatura épica: o amplo retratos dos costumes e das circunstâncias dos acontecimentos e das circunstâncias dos acontecimentos, o caráter dramático da ação e, em estreita relação com isso, o novo e importante papel do diálogo no romance. (LUKÁCS, 2011, p. 47).

Dentro do romance scottiano, há que se destacar ainda a visão que Walter Scott possui do passado e do presente, e de como ele dialoga com essa questão dentro de suas obras. Apesar de representar a história de forma realista em suas

obras, e de viver em um presente pós-revolução francesa e inglesa, Scott não faz referências ao seu presente, muitas vezes se limitando apenas às críticas ao passado e suas consequências.

Os romances escritos por Walter Scott possuem características singulares do autor, e apesar de aparentemente se aproximarem dos antigos romances épicos da antiguidade como a *Ilíada* e *Odisseia*, suas personagens e heróis ainda assim se distanciam dos encontrados nas obras antigas.

São diversas as características que norteiam as ações de seus personagens. Enquanto nas narrativas épicas da antiguidade os heróis eram representados como os principais personagens e até mesmo superiores aos demais, quase difíceis de serem alcançados esteticamente e humanamente falando, em Scott seus heróis são os mais próximos da realidade humana possível, sendo muitas das vezes até comparados e igualados aos demais da obra.

Essas comparações entre os heróis em Scott e os heróis dos contos épicos antigos são importantes, pois elas mostram ainda mais as características únicas que diferenciam o romance do romance histórico. A construção social dos personagens, seus modos de agir e de pensar, suas relações com os outros etc., são características que nos revelam o que é um romance histórico e nos ajudam a identificá-lo.

Os romances históricos surgidos nessa época também revelam seu caráter nacionalista. Apesar de que nas obras de Scott o herói possua um destaque igual ou menor aos das outras personagens, nas histórias são sempre por sua vez apresentados em meio a batalhas e lutas travadas ao longo da trama. Suas características mais humanizadas e próximas da realidade servem como uma maneira de nos aproximar mais das personagens envolvidas na história, como ressalta Lukács:

É fácil perceber como essas concepções opostas do herói brotam dos requisitos fundamentais da epopeia e do romance. Do ponto de vista da composição, Aquiles não só é a figura central da epopeia, como também é superior a todos os outros coadjuvantes; ele é de fato o sol em torno do qual giram os planetas. Os heróis scottianos têm, como personagens centrais do romance, uma função oposta. Sua tarefa é mediar os extremos cuja luta ocupa o romance e pela qual é expressa ficcionalmente uma grande crise da sociedade. Por meio da trama, que tem esse herói como ponto central, procura-se e encontra-se um solo neutro sobre o qual forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si. (LUKÁCS, 2011, p. 53).

É dessa forma descrita por Lukács que Walter Scott apresenta seus heróis em seus romances. Sendo assim ele pode através dessas personagens apresentar ao leitor, como disse Lukács, "os dois lados do conflito".

Essa maneira de abordar os heróis em seus romances não é por acaso. Há de fato por trás de toda essa construção uma motivação histórica e social. Em seus romances, Scott se utiliza das características das personagens para levar o leitor para dentro da época em que o enredo se passa. Assim o leitor se aproxima de forma mais íntima e fiel dos acontecimentos narrados na obra.

Segundo Lukács, essa maneira de desenvolver as personagens em suas obras significa que Scott faz com que "essa conexão sócio-histórica entre líderes e liderados se diferencie de modo extraordinariamente refinado", ou seja, como dito anteriormente, ele se utiliza dessa abordagem para apresentar dentro de suas obras as relações sociais da época e mostrar os dois lados do conflito presente na trama.

Em Scott, Lukács também chama nossa atenção para o exagero no drama, algo que o mesmo explica não ser exclusivo do romance scottiano, mas também nos outros autores que lhe antecederam. Porém, ele explica que além de se importar especialmente em abordar os acontecimentos em sua totalidade, nas suas mais diversas especificidades. Segundo Lukács, porém:

No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram. Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas à partir das quais os homens pensaram sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Ainda sobre a necessidade de se entender o limite das narrativas dos fatos, Lukács explica que:

Portanto, o que importa para o romance histórico é evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser-precisamente--assim das circunstâncias e das personagens históricas. (LUKÁCS, 2011, p. 62).

Ao tratar da história e do desenvolvimento social do Romance Histórico, nós adentramos um território bastante vasto e com inúmeros detalhes. Como dito logo de início, o romance histórico passou por muitas mudanças ao longo do tempo, desde sua denominação clássica até a atual como conhecemos hoje. Há de fato muito do que ser falado e debatido, e Lukács faz isso em seu livro de forma bastante clara. Narrando e apresentando ao leitor as concepções sócio-históricas e políticas da construção do Romance Histórico.

O Romance Histórico se difere ainda do drama histórico por diversos motivos. Aqui procuramos ressaltar o conceito de romance histórico e suas evoluções. Sendo assim, cabe a necessidade de diferenciá-lo do drama histórico. Os conceitos e motivações políticas e sociais que diferenciam esses dois conceitos são amplos e complexos.

A proposta deste trabalho é antes de tudo procurar relacionar à história do romance histórico, que está sendo estudado neste capítulo. Sendo assim, cabe aqui também uma distinção do romance e do drama histórico. Esse tema também é de suma importância dentro da obra de Lukács e possui um tópico especial para ele.

O romance histórico, como especificado, trabalha o herói em suas obras não como uma personagem principal, distante das outras, seja pela sua personalidade e características ou por suas funções na narrativa. Por outro lado, no drama histórico notamos o avesso dessa característica no papel do herói. No drama histórico o herói possui um papel de destaque. Outra característica do drama é trabalhar os acontecimentos externos do conflito, ao invés de destacar detalhes mais internos onde não tenha tanta participação das personagens principais.

A respeito do que foi mencionado, Lukács deixa bem claro em sua obra na seguinte passagem:

Já tratamos em detalhe a razão por que os clássicos do romance histórico figuraram as grandes personagens da história sempre como coadjuvantes. Agora, nossas considerações mostram que a peculiaridade do drama exige que elas tenham, do ponto de vista da composição, o papel de figuras centrais. Esses dois modos contrários de composição derivam do mesmo sentimento pela autêntica historicidade, pela grandeza verdadeiramente histórica: ambos se esforçam por aprender, de maneira poética e adequada, aquilo que é humana e historicamente significativo nas personagens importantes de nosso desenvolvimento. (LUKÁCS, 2011, p. 158).

Dentro desse discurso Lukács faz referência também à diferença entre o épico e o dramático, porém não será uma discussão à qual iremos nos aprofundar e destrinchar cada detalhe destacado em sua obra. A intenção aqui é nesse primeiro momento compreender o conceito de romance histórico para podermos interligá-lo e entender suas relações com a História. Todavia se faz importante compreendermos em suma o que o autor tem a dizer sobre essa diferença entre o épico e o drama.

O épico se distingue do drama por uma característica que envolve toda sua construção. Como vimos no drama, o papel do herói e a importância dos conflitos possuem um valor diferente do que tem no romance histórico. O drama realça e tem urgência com os momentos cruciais, digamos assim, da história. O ápice do conflito

possui nesse gênero um destaque maior. Porém, no épico, ao contrário disto, todo o enredo possui sua importância e tem seu espaço de destaque dentro da trama, desde o mais ao menos importante. Nesse gênero o todo é narrado de forma homogênea, assim cada personagem e momento na história possui sua significância. E é assim que Lukács destaca essa diferença entre um gênero e outro:

O caso da épica é totalmente diferente. Aqui, os momentos significativos são figurados como partes, como elementos de uma totalidade mais ampla, extensa e abrangente, em seu complexo processo de gênese e crescimento, em seu vínculo inseparável com o desenvolvimento lento e confuso da vida do povo, na interação capilar do pequeno com o grande, do desimportante com o importante. (LUKÁCS, 2011, p. 159).

Compreender esse processo de construção histórica do romance histórico e suas conjunturas dentro da sociedade nos ajuda a entender como e por qual motivo o romance histórico pode ser considerado como é, pois como vimos anteriormente, o romance histórico como o conhecemos e como é conceituado, se desenvolveu em meio à uma Europa em conflitos, onde havia acabado de acontecer a Revolução Francesa, que mudou não só a forma de governo de todo um país, como também a maneira de se enxergar dos próprios cidadãos, onde os mesmos puderam se ver como participantes da ação e da guerra.

A Revolução Francesa, diferente das que lhe antecederam, fez com que a massa se sentisse parte da história e do movimento. O exército era o povo, e não apenas soldados escolhidos pelo governo. A participação da sociedade na luta contra o governo fez com que os mesmos se sentissem parte do movimento, pois de fato eles eram.

Sendo assim, o romance histórico surge em meio à uma sociedade onde seus pensadores e escritores buscavam evidenciar em suas obras essas minorias que por tanto tempo apareceram como invisíveis não só na história como na literatura. É sobre isso o romance histórico de Walter Scott, onde o herói não possui o papel de destaque como antes havia nos romances de época e nas epopeias de Homero.

Por muitas vezes em sua obra Lukács se refere ao herói no romance histórico clássico como “herói mediano”, evidenciando justamente essa posição e representação que o mesmo possui nessas obras. Todavia, é necessário ressaltar que ao utilizar o herói como papel de um coadjuvante na história não significa

rebaixar seu valor ou importância. A questão, por outro lado, é dar mais ênfase ao decorrer dos acontecimentos, suas nuances. Mostrar o herói como humano, suas fragilidades e humanidades, diferente do que se vê em Homero, onde os heróis são semideuses que se distanciam quase que por completo de todos os outros personagens.

Após o romance clássico de Scott muitos outros escritores românticos históricos o sucederam, claro que cada qual com suas características e personalidades. O romance histórico clássico sofre uma mudança ao decorrer do tempo, ainda mais após a Revolução de 1848. Vale lembrar que o primeiro romance de Scott considerado histórico foi publicado em meio aos conflitos que eclodiram após a derrubada da Bastilha, e que levaram à França ao ápice de sua Revolução em 1793.

Dentre esses escritores famosos que Lukács aponta em sua obra estão Gustave Flaubert, Thackeray, Corad Ferdinand Meyer e Gottfried Keller. Esses autores sucederam Scott ao mesmo tempo que trouxeram consigo também uma nova forma de escrever o romance histórico, com novas visões a respeito da realidade social. Flaubert se aproximou bastante do naturalismo em suas obras por fazer além de análises sociais também psicológicas em suas personagens. Um escritor francês bastante conhecido mundialmente por suas obras e pela sua importância dentro da literatura.

Apesar da obra de Lukács ter sido escrita a quase 100 anos atrás, O Romance Histórico permanece nos dias de hoje ainda bastante atual e uma das principais obras de referência para se conceituar e trabalhar o romance histórico ao longo do tempo. Uma das últimas análises que Lukács faz em seu livro sobre essa trajetória do romance histórico é a respeito do humanismo no romance histórico.

Por fim, Lukács faz a distinção entre o romance histórico clássico e o atual, que no caso podemos resumir ao romance histórico de sua época, pois, desde a publicação de seu livro até o presente, muitos autores têm trazido novos olhares e características para o romance histórico contemporâneo, como por exemplo, José Saramago, que traz em sua obra críticas não só ao presente, como também ao passado, buscando assim modificá-lo em sua obra, visto que não é possível fazê-lo na realidade. Sendo assim, Lukács faz a seguinte crítica em sua obra a respeito do que diferencia o romance clássico do romance histórico humanista de sua época:

Mas, isso é apenas o início de uma virada, pois essa mesma virada conduz de volta às tradições do romance histórico clássico. A diferença que até hoje ainda os distingue, já foi destacada por nós em diversas ocasiões. Para recapitular: consiste no fato de que o romance histórico dos humanistas atuais fornece - provisoriamente - apenas à *pré-história abstrata das ideias* que movem o presente, e não à pré-história concreta do destino do próprio povo, que é figurado justamente pelo romance histórico em seu período clássico. (LUKÁCS, 2011, p. 408).

Quando se refere à pré-história Lukács quer dizer aos primórdios que antecederam os acontecimentos do presente. Sendo assim, é necessário entendê-lo de forma concreta para poder fazer uma crítica concreta a respeito do presente.

Todavia, após sua morte Lukács através de suas pesquisas e reflexões abriu ainda mais o caminho para que novos teóricos surgissem e buscassem se aprofundar nesse tema. Atualmente uma dessas pesquisadoras na área da teoria literária é Linda Hutcheon. Linda trouxe novas perspectivas a respeito da teoria do romance, além de analisar a fundo novos conceitos e metodologias que foram se desenvolvendo ao longo do tempo, como por exemplo a intenção que cerca o romance contemporâneo, onde o mesmo busca a problematização do passado, e não mais sua mera representação nas obras literárias. Principalmente com a corrente histórica do pós-modernismo, houve dentro do campo das relações entre História e Literatura diversas mudanças de relacionamento entre ambas as narrativas. Como pode ser percebido no romance de Saramago, que é um romance português contemporâneo, a função da história não se limita mais a representar os fatos do passado, como ocorre no romance clássico, mas sim em ressignificar esse passado, fazendo críticas a respeito dele, ou seja, o colocando na posição de julgado.

Em seu livro: “Poética do pós-modernismo: História. Teoria. Ficção”, Hutcheon traz reflexões a respeito da relação da história e o pós-modernismo, que tanto influenciou e ainda influencia pensadores e teóricos de diversas áreas do conhecimento, segundo Linda:

“o pós-modernismo não é anistórico nem desistoricizado, embora realmente questione nossos pressupostos (talvez não admitidos) sobre aquilo que constitui o conhecimento histórico, nem é nostálgico ou saudosista em sua reavaliação crítica da história” (HUTCHEON, 1991, p. 14).

Diante disso se percebe a influência da metaficção, tão presente nas obras de Saramago, e do pós-modernismo na historiografia. A metaficção por sua vez se configura como, segundo Maria Cristina Vianna Kuntz, “Trata-se de uma projeção

do próprio trabalho do protagonista” (KUNTZ, 2002). Sendo assim, na metaficção o debate vai sendo construído junto com o leitor, onde até mesmo a própria obra pode sofrer crítica dentro dela mesma.

Dessa forma, trabalhar essas características do romance histórico contemporâneo, e compreender onde o mesmo se difere do clássico, é de suma importância para que consigamos perceber como são criadas e por quais vias são direcionadas as obras de José Saramago, pois assim será de mais fácil compreensão entender como “História do Cerco de Lisboa” foi desenvolvido.

2. ASPECTOS CONCEITUAIS DA HISTÓRIA E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

Mas afinal, o que é a História? Que ciência é essa? Nas linhas a seguir buscaremos destrinchar a respeito de como surgiu a História, como a mesma se tornou ciência, sua trajetória ao longo do tempo entre escolas e correntes historiográficas e por fim, de como suas narrativas se relacionam dentro de seus limites com as narrativas literárias.

Para nos debruçarmos a respeito das questões anteriores teremos o auxílio de obras e historiadores deveras importantes para compreendermos a historiografia da história, de forma um pouco redundante “a história da História”, pois somente compreendendo esse processo e toda a trajetória desta ciência humana é que poderemos entender como a mesma se configura nos dias atuais.

A História surgiu em um período no qual os seres humanos sentiram a necessidade de registrar os acontecimentos que seus povos viveram para as gerações futuras, como as grandes guerras que foram eternizadas nos escritos de Heródoto (considerado o pai da História) e Tucídides.

Porém é claro, que antes deles já haviam pessoas que buscavam não só compreender o mundo no qual vivem, mas também o anterior aos acontecimentos de seu presente. Entender como tudo surgiu e como o universo agia. Assim surgiram os mitos, como uma busca do ser humano de compreender e decifrar os acontecimentos ao seu redor.

Os mitos surgiram em tempos bastante remotos, não sendo possível dessa forma datar exatamente quando e como eles apareceram. É fato que desde os primórdios do mundo a humanidade busca respostas para tudo, ou pelo menos a questão “X” que há muitas eras perturba o ser humano: De onde viemos?

Os relatos de Hesíodo datam dos séculos VII ou VIII a.C. Ele, juntamente com Homero, é considerado o primeiro poeta oral europeu ao qual os pesquisadores de nosso tempo tiveram acesso. Hesíodo é famoso por ter escrito a Teogonia, livro escrito por ele que explica a origem dos deuses gregos. Homero por sua vez é famoso pelos poemas “Ilíada” e “Odisseia”, que narra a Guerra de Tróia e também a saga de Odisseu após o fim da mesma.

Todavia, o mito não tinha puramente a intenção de registrar o presente para que no futuro as gerações posteriores pudessem tomar conhecimento do que se

passava nos tempos de outrora, mas sim, como dito anteriormente, de buscar entender o que se vivenciava no presente momento. Os mesmos “Eram histórias descompromissadas com as concepções de tempo e espaço” (COSTA, 2010).

É certo que nos últimos tempos o conceito dessa palavra vem sendo ressignificado e tomando novos horizontes. Porém o que busco trazer aqui é o entendimento a respeito do que veio antes da própria história, e de compreender o meio social na qual a mesma surgiu, e por quais motivos os historiadores de séculos atrás sentiram a necessidade de registrar os grandes acontecimentos que conheciam e que os antigos relatam por meios orais. Nas palavras de Robson Costa:

Mas um mito não possui uma narrativa única, repetida de forma fechada para as gerações posteriores. Como já havíamos colocado, uma dada circunstância “forçava” a readequação de antigas explicações, contando-se a história de modo diferente, na tentativa de encontrar uma nova “verdade”, capaz de dar conta dos anseios, frustrações e expectativas diante de uma nova realidade antes não prevista pelas narrativas passadas. (COSTA, 2010. pág. 18)

Atualmente o mito tem tomado novas roupagens, conceitos e exemplos. O mesmo não se esvaiu no tempo com o surgimento das narrativas históricas de Heródoto e Tucídides. Entretanto, é fato que ambos possuam lugar diferente na sociedade, onde um não interfere na existência do outro.

Heródoto é considerado o pai da História, pelo fato de ter sido o primeiro a registrar de maneira escrita as histórias e acontecimentos de seus ancestrais. Sua principal intenção era por meio desses escritos eternizar as histórias dos gregos e até de outros povos, como os Bárbaros etc.

Entretanto, sua principal diferença com relação aos que antes se interessavam em registrar essas histórias era a busca pela verdade factual. Heródoto se preocupava em trazer para seus registros o máximo de veracidade possível, ser de fato fiel ao que aconteceu no passado. Segundo Robson Costa:

Heródoto, com sua História, acaba inaugurando o que viria a ser chamado de “narrativa histórica”, buscando desvincular tal conhecimento das ainda predominantes explicações baseadas nos mitos. Apesar de ser uma obra escrita por um cronista, tem a grande preocupação em apresentar os fatos com a maior precisão possível. (COSTA, 2010. pág. 21).

Essa nova forma de registrar os acontecimentos históricos é uma das primeiras tentativas do homem de delimitar um espaço apenas para a história. No momento é certo, não se entendia seu conceito como nos dias de hoje. À maneira

pela qual se buscou essa mudança se fez de forma quase natural de acordo com as necessidades e mentalidades desse período.

A história passou então a se distanciar cada vez mais da literatura e da filosofia, buscando em suas narrativas, além da total veracidade nos detalhes, a imparcialidade do historiador. Hoje sabemos que é impossível que o historiador seja totalmente imparcial com sua pesquisa, o simples ato de escolher o assunto ao qual o mesmo irá pesquisar já se torna um viés de parcialidade, pois está atrelado a isso seus desejos e afinidades por determinado período ou linha de pesquisa da história. Se eu decido estudar as relações entre história e literatura, automaticamente já estou sendo parcial com minha pesquisa, pois dentro de tantos temas possíveis, a literatura é o que me interessa.

Tucídides, outro importante historiador dos tempos antigos, e também sucessor de Heródoto, é conhecido principalmente pelas suas narrativas da Guerra do Peloponeso, em que o mesmo foi testemunha ocular dos fatos. Diferente de Heródoto, Tucídides viveu o que relatou. Ele esteve na guerra e era general ateniense nesse período. Cada vez mais a história foi tomando forma e se parecendo ainda mais com a que conhecemos hoje. Com Tucídides, o método de escrita e pesquisa da história se tornaram mais rígidos, ele não buscava apenas registrar o que lhe era narrado por segundos, mas também a ter um senso crítico sobre o que chegava até ele.

Tucídides traz para a história uma nova metodologia para selecionar suas fontes, orais e escritas, como relata Robson Costa:

Tucídides enfatiza em seu escrito a importância da História para as sociedades, aspecto este que servirá como base para o método histórico no mundo ocidental. Buscou instituir um método mais crítico e “científico” da História. Não queria apenas reunir fatos. Assim como Heródoto, apresenta a Grécia das origens até o tempo presente, propondo uma leitura crítica dos testemunhos tanto orais quanto escritos que se defronta. Tucídides contribui para o aperfeiçoamento do “gênero histórico”, legando um método de investigação histórica baseada na crítica das fontes, organização e análise dos fatos. A “verdade” dos fatos é uma constante em sua obra. Revela ainda a dificuldade de enfrentar os testemunhos discordantes que encontrou, separando o que considerava “falsário” e o que era “verdadeiro” (COSTA, 2010, pág. 22).

A partir desse ponto pode-se observar que a História foi ao longo do tempo sofrendo um processo de modificação em sua metodologia e também no reconhecimento do seu objeto de pesquisa. Porém, esse processo não se findou nos

dias de hoje. A História é uma ciência que como disse o historiador Marc Bloch: “Estuda os homens no tempo” (BLOCH, 2002). Pois bem, o tempo não para ele está em constante mudança e movimento. Sendo assim, a História também não é inerte a todo o processo que o mundo passa constantemente.

Após Heródoto e Tucídides a História foi cada vez mais evoluindo seu patamar e buscando se concretizar como disciplina e ciência. Apesar do grande avanço que à mesma sofreu com o advento da imprensa, no século XVII, cerca de 200 anos antes de se consagrar uma ciência humana, à História passou por um processo de “declínio”, onde foi aos poucos reduzida pela monarquia ao papel de “biografia” dos grandes soberanos, onde era utilizada pelos mesmos para promover seus governos e supostos grandes feitos. Segundo o historiador Robson Costa descreve no seguinte trecho:

A História, enquanto instrumento de celebração do Estado, passa a ser vigiada de perto. A Monarquia, temerosa pelo alcance das palavras escritas, busca controlar a pena e tinta dos historiadores. É um verdadeiro processo de censura. A estreita ligação entre História e glorificação dos soberanos, limita fortemente a liberdade. Apesar dos textos notáveis do período, a erudição vai silenciando-se, reverenciando cada vez mais os feitos dos representantes do Estado. Tal compromisso levou muitos historiadores a serem “elevados” à categoria de “historiógrafo real”. (COSTA, 2010. pág. 10).

O ser humano, a sociedade, a economia, a política e até a religião sofrem com constantes modificações em seus mais diversos âmbitos. Dessa forma, na História também acontecem tais mudanças. Ao longo dos anos, essa ciência foi adaptada às necessidades das sociedades de cada época, ou pelos menos foi se modificando de acordo com o que os historiadores defendiam e acreditavam como sendo história, como pudemos observar na explicação de Robson Costa, até o século XIX.

Com o advento do Positivismo, as ciências humanas e sociais passaram a buscar cada vez mais “seu lugar ao sol”, e com a História não foi diferente. E pelo seu olhar ainda romantizado e pouco rigoroso sobre os fatos, a mesma deu passos curtos para chegar ao patamar de ciência. No auge da Revolução Francesa cresce entre os intelectuais uma ânsia pela preservação de um passado que eles vêm sendo destruídos por meio de monumentos derrubados.

Não apenas os historiadores, mas também romancistas e outros artistas se viram cada vez mais tomados por um sentimento nacionalismo, sejam eles conservadores ou não, que faz com que os mesmos busquem no âmbito da

sociedade em que estão vivendo demonstrar através da arte acontecimentos de seu tempo e os de outrora que se relacionassem com momentos da história da França, pois foi ela o berço da História como uma ciência.

Assim como o primeiro romance histórico surgiu em meio à uma Europa que fervia em mudanças dentro da sociedade, à História como uma ciência também surge nesse período, mais precisamente após à Revolução Francesa. Com esse sentimento em comum de nacionalismo entre romancistas e historiadores, e o desejo de buscar no passado a história francesa, ambos acabam se assemelhando, tanto à história com a literatura como ao contrário.

Todavia, a partir da segunda metade do século XIX novos historiadores buscam ainda mais rigor no fazer historiográfico, trabalhando à metodologia não à luz da literatura, mas sim das ciências naturais como esclarece Robson Costa:

Influenciados pelos avanços metodológicos dos historiadores alemães, os franceses deram grandes passos rumo à ciência histórica. E nas últimas décadas, uma nova geração de historiadores lançou as bases de uma “nova história”, afastando-se definitivamente da crônica, da literatura, dos sentimentos. O modelo a ser seguido não deveria ser aquele praticado pelos românticos, e sim, das ciências naturais. (COSTA, 2010. pág. 27).

Dessa forma é estabelecido um objeto e uma metodologia aos estudos da historiografia. “Nunca o ofício de historiador tivera tamanho destaque, ocupando os diversos espaços então criados pelos diferentes governos, notadamente franceses.” (COSTA, 2010. pág. 27).

Mesmo com o grande destaque dos historiadores franceses e seus muitos esforços para tornar à história cada vez mais séria e que servisse como um meio pelo qual os mesmos poderiam fixar nela as raízes e à os grandes acontecimentos da França, foi um alemão que serviu como inspiração e quem trabalhou para que a História se tornasse cada vez mais rígida e crítica e menos romântica e idealizada.

Leopold Von Ranke foi um historiador alemão que viu nos moldes do positivismo de Augusto Comte uma oportunidade de transformar a história em uma ciência. Para isso seria necessário:

Pesquisar, classificar e fazer a crítica interna e externa dos documentos passa a ser parte indissociável do ofício de historiador. Em detrimento às fontes narrativas, há uma super valorização dos documentos de arquivo. A escrita da História se daria através da simples narrativa dos fatos através dos documentos pesquisados, com o objetivo de reconstituir o passado tal como ele de fato aconteceu. (COSTA, 2010. pág. 31).

É a partir da iniciativa de Ranke que outros historiadores passam a seguir essa linha e assim surge a Escola Metódica, com Gabriel Monod. “Monod enfatizou em suas obras a importância do rigor científico, anunciando uma História estritamente “metódica”.” (COSTA, 2010. pág. 31).

Anos depois, por volta da primeira metade do século XX, esse método científico inspirado pelo positivismo vai passar a ser criticado por muitos historiadores também franceses. Essa História agora como ciência era chamada por eles e é também como a conhecemos hoje de “tradicional”. Além de se preocupar com o rigor científico inspirado nas ciências naturais, à História buscava e prezava também pela imparcialidade do historiador, o trabalho com fontes documentais escritas e oficiais, e o interesse principalmente pela história dos grandes acontecimentos e personalidades.

Uns desses historiadores que mais se destacaram na época foi Lucien Febvre e Marc Bloch. Muitos outros também se posicionaram em contraponto a história tradicional, mas Febvre e Bloch se destacaram por um motivo: ambos se tornaram no início do século XX organizadores da *Annales d'histoire économique et sociale*.² *Annales* era uma revista francesa voltada para a história social e econômica. Essa mesma revista foi o princípio do que hoje já conhecemos como Escola dos Annales.

Assim como a escola metódica surgiu para trazer ao campo da historiografia mudanças significativa, os *Annales* também fizeram. Essa corrente historiográfica é dividida em 3 gerações, cada qual com seus representantes. Bloch e Febvre são considerados os fundadores. Em sua primeira geração essa corrente buscava o diálogo da história com os outros campos do conhecimento, trazendo assim um estudo mais interdisciplinar. Buscava-se dessa forma uma aproximação entre à História e as outras ciências sociais como a sociologia, antropologia, geografia, e também entre as ciências naturais como a física, química e biologia.

É a partir dos *Annales* que as fontes historiográficas se expandem. Se com a escola metódica as únicas fontes reconhecidas pela História eram as escritas, com os *Annales* tudo quanto for criado pelo homem é fonte, desde imagens e objetos até fósseis e outros tipos de vestígios arqueológicos.

²Peter Burke, **A escola dos Annales 1929 - 1989: A revolução francesa da historiografia**. São Paulo, Editora Unesp: 1992

A mudança na historiografia apresentada pelos Annales é reconhecida até hoje, pois muitos dos nossos métodos atuais de pesquisa são consequência dessas mudanças que ocorreram. É importante também ressaltar que outras correntes surgiram ao longo do tempo, e ganharam espaço dentro da historiografia, como o pós-modernismo etc.

É evidente a influência de todas as gerações do Annales para a historiografia atual, todavia, iremos ressaltar aqui à terceira geração. Foi a partir desta que, por exemplo, as mulheres começaram a ocupar algum espaço nas pesquisas históricas e a ter evidência. Uma das ideias que buscaremos aqui ressaltar a respeito dessa nova maneira de se trabalhar a História, como a História em migalhas, a Nova História, das mentalidades etc., foi trazida a luz da historiografia principalmente pelos Annales.

Diante do exposto nota-se que a historiografia possui um longo processo de desenvolvimento, que se mantém através dos tempos, pois a História evolui junto com o ser humano e a sociedade. Desta forma é importante destacar então o papel da Nova História como meio de entendermos a atuação desta ciência dentro da obra de Saramago, a fim de tornar possível, ao concluir este trabalho, que haja uma compreensão acerca das relações entre a História e o Romance Histórico em sua obra.

A Nova História possui suas raízes na Escola dos Annales, e ficou mais famosa após a publicação de vários ensaios de Jacques Le Goff a respeito do tema. Como visto anteriormente, com as mudanças que ocorreram no campo da História no início do século XX, os diálogos da mesma com as outras áreas do conhecimento se intensificaram, sendo assim, a História e a Literatura também passaram a se relacionar de maneira mais conjunta, principalmente através do romance histórico, o qual nos interessa aqui neste trabalho.

Muito do que se pode ser discutido aqui sobre a Nova História já foi debatido anteriormente através das explicações a respeito dos Annales. Como Peter Burke fala em seu livro:

o que é novo não é sua existência, mas, o fato de seus profissionais serem agora extremamente numerosos e se recusarem a ser marginalizados. (BURKE, 2011, p. 19).

Além do debate sobre a Nova História também se faz necessário abrir um espaço para discutir a respeito do conceito de “Representação” em Roger Chartier, historiador francês. Segundo Chartier, em seu livro “História cultural: entre práticas e representações”, o mesmo aborda diversos debates a respeito da prática e da representação da cultura dentro do campo historiográfico, por meio da análise de diferentes grupos sociais e suas tradições. Segundo Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002, p. 17).

O historiador também nos chama atenção para a importância das relações e representações dos objetos e imagens apresentados, e a relação dependente entre o signo e o significado. Onde o signo remete ao objeto e o significado ao que tal objeto representa. Como o mesmo diz: “Representação e representado”. Para Chartier:

A problemática do <<mundo como representação>>, moldado através de séries e discursos, que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o mundo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 2002, p. 23 e 24).

3. HISTÓRIA E LITERATURA EM JOSÉ SARAMAGO

José Saramago foi um famoso escritor e poeta português. Nascido em 1922 e falecido em 2010, aos 87 anos. Durante sua vida se destacou como romancista, se consagrando em diversos romances famosos e estudados por muitos historiadores e literatos até os dias atuais. Recebeu em 1995 o prêmio Camões e em 1998 o prêmio Nobel de Literatura, o mais famoso e importante prêmio da área da Letras.

Saramago se destacou com seu jeito único de utilizar a gramática em suas obras, abrindo mão de travessão, ponto e vírgula, interrogação e exclamação, entre outros sinais. Em seus romances o mesmo utilizava apenas vírgula e ponto final. Essa maneira única e um tanto quanto inusitada é por assim dizer sua marca. Apesar de que, por mais leve que seja alguma de sua obra, esse formato novo de usar a gramática acaba dificultando os que não estão acostumados a ler seus livros.

De acordo com o professor e escritor Gerson Luiz (ROANI, 2002, p. 14), o romance português contemporâneo se divide em três gerações, a primeira se encontra entre as décadas de 40 e 50, que segundo o autor se inicia com o neoliberalismo; a segunda geração não é data diretamente, porém se entende que a mesma se encontra entre as décadas de 50 e 60; por fim, a terceira geração, que se inicia nos anos 70 e que se prolonga até os dias atuais. É nesta terceira e última que se encontra José Saramago.

A terceira geração se caracteriza principalmente pelo “resgate ficcional da história passada e presente” (ROANI, 2002, p. 15). Dentro dessas características do romance português contemporâneo, José Saramago se destaca, mais ainda, também pelo seu tom de sarcasmo bastante sutil, porém ao mesmo tempo perceptível e recorrente em suas obras. Ele era de fato um escritor talentoso e único, tanto que foi destaque de sua geração e é desde então um dos escritores mais aclamados de Portugal e do mundo.

Sua biografia é extensa, tanto quanto é sua bibliografia. Autor de diversos poemas e romances, entre eles alguns dos mais famosos como “Ensaio sobre a cegueira”, “O evangelho segundo Jesus Cristo”, “A jangada de pedra” etc. Entretanto, o que será destacado aqui é um em particular que até hoje serve como fonte de pesquisa para literatos e historiadores que buscam estudar essas relações entre a história e a literatura. “A História do Cerco de Lisboa” é uma das grandes obras de José Saramago que busca em seu núcleo fazer uma análise sobre a

verdade histórica e também sobre o fazer historiográfico. Dentro dessa obra, o revisor Raimundo Silva tem mais destaque do que o próprio historiador, haja vista que o mesmo não possui sequer o seu nome mencionado. Isso ocorre pelo fato da obra na qual aqui está sendo analisada ser utilizada como uma maneira de criticar a própria história. Desde o início do livro se percebe ainda a ironia na fala do revisor, ao se referir à relação entre a história e à literatura, ou no papel que ambas possuem.

Nesse livro, Saramago recria de forma cônica o acontecimento histórico ocorrido em 1147, onde houve a retomada da cidade de Lisboa pelos portugueses contra os mouros. Nesta obra, o personagem principal é o revisor Raimundo Silva, que está sob a responsabilidade de revisar um livro sobre esse fato, escrito por um historiador, cujo nome não é citado no romance.

Desta forma, durante sua revisão, o Raimundo Silva toma uma decisão um tanto quanto inusitada, e adiciona à obra uma pequena palavra, que muda não totalmente, mas de certa forma, uma boa parte e crucial do sentido da real História sobre o Cerco. O revisor adiciona a palavra NÃO, afirmando assim que os cruzados, que passavam por Lisboa durante o Cerco, não ajudaram o rei D. Afonso Henrique a conquistar Lisboa e lutar contra os mouros.

Essa alteração causa dentro da obra uma reviravolta muito importante que muda quase todo o rumo da história oficial já conhecida sobre o cerco de Lisboa, onde na realidade os cruzados ajudaram SIM o rei D. Afonso Henrique a recuperar Lisboa. Essa mudança na obra traz consequências para Raimundo, entretanto, não ruins, mas de forma positiva. O revisor, que fez uma alteração tão grave, pois a obra possui teor histórico e sendo assim não pode conter em si erros tão grotescos como o de desmentir um fato que já foi investigado e comprovado por diversos historiadores por meio de análises de fontes confiáveis; e de maneira deliberada, não obteve punição alguma a respeito de seu ato. Todavia, vamos entender essa história do cerco por Saramago desde seu começo, para assim analisar a atitude do Raimundo e então compreender os motivos que o mesmo julgou para fazer tamanha mudança, e quais foram de fato as consequências desse seu ato.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DO CERCO NO ROMANCE E NA HISTORIOGRAFIA

“Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se a não corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes.” Essa frase é tirada da epígrafe do livro *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago. Segundo o próprio autor do livro a mesma pertence ao *Livro dos Conselhos*, entretanto, essa é mais uma parte da história da primeira obra citada, pois o mesmo não existe de fato. Logo nessa epígrafe podemos observar as reflexões que se fazem presentes no livro, com relação a “verdade”, ou melhor, “da verdade histórica”.

Raimundo Benvindo Silva, mais conhecido como Raimundo Silva, é revisor contratado de uma editora a qual não é citada o nome ao longo da obra. No momento Raimundo está conversando com o historiador, ao qual o nome também não é explorado. Esse historiador tem em mãos um livro que o mesmo escreveu e agora está sob a responsabilidade do revisor de fazer os devidos reparos para assim enviar à editora e ser publicado.

A princípio a conversa é amigável, os dois discutem sobre a profissão do revisor, suas responsabilidades etc. Em certo momento Raimundo fala para o escritor sobre sua visão da literatura e da história, onde o mesmo afirma que “Tudo quanto não for vida é literatura [...] sobretudo à História.” (SARAMAGO, 2011, p. 10). Desse momento começa a se desenhar a real intenção do livro, questionar a veracidade da história, ou melhor, o que se escreve como história, e o porquê de Raimundo Silva considerar que tudo quanto não for vida é literatura.

Raimundo Silva então começou a revisão do livro. O mesmo é descrito como um homem muito sábio, que possui um acervo repleto de obras sobre os mais diversos assuntos. Logo de início algo lhe incomoda no livro que está revisando, para o revisor a história descrita é “mais do mesmo”, nada mudou, é igual a tantas outras histórias contadas por outros historiadores sobre o Cerco de Lisboa em 1147.

Ao longo de sua revisão, Raimundo Silva começa então a se questionar a respeito da obra, como o historiador descreveu seus personagens e os acontecimentos ali presenciados. Então o mesmo é tomado por uma súbita vontade de ironizar com o livro, e é tentado por muito tempo a fazer uma mudança na obra diante de tantos erros anacrônicos que ele encontrou, como o discurso do Rei D. Afonso Henrique, no qual o historiador descreve com tamanha destreza representando o rei como um homem culto e de vocabulário robusto, quando no fim

o revisor tem conhecimento que o rei não teria capacidade de fazer um discurso bem elaborado.

“Não, este discurso não é obra do rei principalmente, sem excessiva experiência diplomática, aqui tem dedo, mão e cabeça de eclesiástico maior, talvez o próprio bispo do Porto, D. Pedro Pitões, e seguramente o arcebispo de Braga, D. João Peculiar [...] Pensamos nós que nunca viremos a saber que palavras disse realmente D. Afonso Henrique aos cruzados...” (SARAMAGO, 2011, p. 39)

Diante das linhas descritas acima, compreendemos de que forma o revisor estava analisando o texto. Esses erros anacrônicos já mencionados e exemplificados faziam com que cada vez mais Raimundo Silva fosse levado pela vontade de alterar o rumo da história descrita pelo historiador. Por muitas vezes chegou a se auto contestar sobre essa decisão, que parecia, e de fato era, muito perigosa. Pois, ele estava tratando ali de um livro de história, onde qualquer detalhe faz a diferença. Porém, o que seria uma palavra à mais perto dos inúmeros erros já destacados por ele? Pensava ele sobre o que lhe poderia ocorrer se esse erro passasse despercebido pela editora e o livro fosse publicado assim.

Na obra Saramago deixa explícito que apesar da consciência lhe dizer que é um erro, ainda assim Raimundo Silva decide apostar e acrescenta a palavra que irá fazer com que a editora precise adicionar uma errata ao livro depois de impresso:

É evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má foi ela, coma mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra NÃO, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados NÃO auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou à ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria que vir contar a história nova, e como. (SARAMAGO, 2011, p. 42)

De fato, alguém veio contar uma história nova. No dia seguinte o Costa, funcionário da editora, foi até a casa de Raimundo em busca do exemplar revisado para levá-lo com urgência para que o mesmo fosse impresso e publicado o quanto antes. E o livro foi para impressão com o NÃO acrescentado pelo revisor.

A consciência do revisor começou a pesar sobre seu erro. Era fato que a alteração feita poderia ter passado sem ser notada. E passou. Treze dias após a publicação do livro Raimundo recebe a notícia que à editora descobriu seu erro, e que estava claro que foi proposital, pela letra escrita firme na folha, como quem escreve com, nas palavras do Diretor “letras carregadas, bem desenhadas, em

contraste com sua caligrafia corrente, solta, ainda que clara de ler.” (SARAMAGO, 2011, p. 73-74).

Todavia, após alguns minutos de discussão, nada aconteceu. Raimundo Silva não foi despedido da editora, ao contrário, foi contratada uma nova revisora, esta que estava presente e de pronto Raimundo se interessou por ela, para revisar os livros que já haviam passado pelas mãos de outros revisores, como pelas mãos do Raimundo, por exemplo. O livro sobre o cerco foi impresso com o erro, e logo que perceberam adicionaram um adesivo com uma errata, desta forma onde houvesse um NÃO, leia-se SIM.

Raimundo Silva, logo após voltou para casa para terminar de revisar o outro livro que o Costa o havia entregado, logo após ter pego com ele o livro do historiador treze dias atrás. Esse, todavia não lhe atormentou pois, segundo ele é um romance, e o mesmo é uma ficção e que “nada é verdade”, segundo o próprio Raimundo Silva.

Após alguns dias o telefone de Raimundo toca, é da editora, quem fala é a Maria Sara, à nova revisora e agora também chefe do Raimundo. Ela combina de se encontrar com ele no outro dia ao meio-dia, ele aceita. Segundo Maria Sara, ela está fazendo reuniões com todos os revisores para tratar dos assuntos sobre a nova maneira de trabalharem. O Raimundo fica tenso, e um silêncio paira pela casa. É certo que desde o primeiro instante houvera se interessado por ela. Ele, um homem dentro de seus 50 anos, solteiro e morando sozinho. A única mulher que entra em sua casa é a Maria, a diarista, ou como dito no português de Portugal, a mulher a dias.

Raimundo vai à editora ao encontro de Maria Sara, lá os dois conversam a respeito dos novos trabalhos e a revisora faz uma proposta que Raimundo não esperava. Com ela estava ainda o exemplar que continha o NÃO escrito pelo revisor no livro do historiador. Maria Sara propõe a Raimundo Silva que o mesmo faça o seu próprio livro, agora não à história do cerco contada pelo historiador, mas à que o próprio revisor criou ao adicionar o NÃO à história.

Após um pouco de relutância Raimundo Silva aceita a proposta e logo de imediato começa seu novo livro, que agora levaria seu nome. Já não estava mais revisando uma obra já criada, mas sim a sua própria, criada por ele mesmo. Uma das primeiras questões levantadas por ele era sobre como o mesmo justificaria a negativa dos cruzados diante da proposta do Rei D. Henrique? O que poderia ter

acontecido antes para que essa tenha sido a resposta dos cruzados ao rei e não o que de fato ocorreu na história?

O revisor permanece em sua história com muitos personagens reais, que realmente fizeram parte daquele fato, que estiveram lá. Como, por exemplo, o Rei, os cruzados, os mouros e o soldado inglês Osberto, famoso pelas suas cartas que relatam o conflito entre mouros e portugueses na luta pela retomada de Lisboa. Raimundo não criou simplesmente do nada sua história, ele possuía rigidez com as fontes, para ele a verossimilhança era necessária. Haveria de ter uma explicação plausível e que fizesse sentido para cada ato dentro de sua obra. Sendo ele regrido no tempo, ao discurso do rei. Diferente do relatado pelo historiador, um discurso diplomático erudito, no seu romance Raimundo buscou se aproximar o máximo possível do que teria sido de fato o discurso de D. Afonso Henriques. Esse foi então o motivo da negativa dos cruzados.

Encontrado o motivo, Raimundo Silva prosseguiu com seu livro. Ao longo dos dias também foi se aproximando de Maria Sara até que aos poucos os dois começaram um romance. Esse ponto é importante no livro, pois inspirado em seu próprio romance, Raimundo Silva cria novos personagens dentro da história como uma representação dele e da Maria Sara. O Mogueime, soldado português e Ouroana, concubina moura, se apaixonam e vivem na obra de Raimundo um romance proibido. Cada um de um lado do cerco.

“Mogueime e Ouroana são duplos, são projeções, no texto do romance histórico confeccionado por Raimundo Silva, da realização amorosa que se desenvolve entre o protagonista e Maria Sara.” (ROANI, 2002, p. 190).

Apesar dos cruzados, agora na história escrita pelo revisor, terem negado ajudar os portugueses, alguns poucos soldados decidiram ficar e cooperar pela retomada da capital lusitana, Osberno é um deles. Esses cruzados ajudam o Rei D. Afonso. São muitos os dias de batalha entre portugueses e mouros. Mas, assim como na história real, escrita e reescrita pelos historiadores acerca da história de Portugal, os mouros são derrotados e os portugueses tomam Lisboa. Então Raimundo termina seu livro. Agora à nova história do cerco de Lisboa recontada em um romance.

São três horas da madrugada. Raimundo pousa a esferográfica, levanta-se devagar, ajudando-se com as palmas das mãos assentes sobre a mesa, como se de repente lhe tivessem caído em cima todos

os anos que tem para viver. Entra no quarto, que uma luz fraca apenas ilumina, e despe-se cautelosamente, evitando fazer ruído, mas desejando no fundo que Maria Sara acorde, para nada, só para poder dizer-lhe que a história chegou ao fim, e ela, que afinal não dormia, pergunta-lhe, Acabaste, e ele respondeu, Sim, acabei, Queres dizer-me como termina, Com a morte do almuadem, E Mogueime, e Ouroana, que foi que lhes aconteceu, Na minha ideia, Ouroana vai voltar para a Galiza, e Mogueime irá com ela, e antes de partirem acharão em Lisboa um cão escondido, que os acompanhará na viagem, Porque pensas que eles se devem ir embora, Não sei, pela lógica deveriam ficar, Deixa lá, ficamos nós. A cabeça de Maria Sara descansa no ombro de Raimundo, com a mão esquerda ele acaricia-lhe o cabelo e a face. Não adormeceram logo. Sob o alpendre da varanda respirava uma sombra. (SARAMAGO, 2011, p. 311).

Durante toda sua história sobre o cerco de Lisboa, Raimundo Silva possui bastante rigor em sua pesquisa. Suas fontes são históricas, e muitos de seus personagens são reais. Apesar do seu NÃO ter modificado não exatamente o rumo dos fatos, mas sim como aconteceu, a verossimilhança que os romancistas históricos buscam em suas obras ainda permaneceu intacta. Vê-se de princípio, quando o revisor passa a escrever seu próprio livro, que há uma preocupação não com a verdade, mas com a forma que as situações são criadas, para haja um sentido lógico por trás da trama.

Na historiografia oficial, em 1147 ocorreu o Cerco de Lisboa, que representou a luta dos portugueses contra os Mouros. No tempo, o então Rei D. Afonso Henrique pediu aos cruzados que ali por aquele território passavam, em caminho para Jerusalém, lutarem contra os Mouros e ajudarem os portugueses a conquistar a capital de Portugal. Os cruzados atenderam ao pedido do rei e, ao contrário do que Raimundo Silva escreveu em seu romance sobre este fato, os cruzados ajudaram os portugueses.

O cerco teve início no dia 01 de julho de 1147. Após mais de 300 anos da conquista muçulmana, os portugueses atacaram pela segunda vez na busca da conquista pelo território. Nesse período, o rei D. Afonso Henriques, primeiro rei português, estava à frente dessa batalha. Naquele mesmo período acontecia a segunda cruzada. Os soldados cristãos partiram dos países do Nordeste da Europa rumo ao Oriente Médio e fizeram uma parada na península ibérica. Ao chegarem lá se encontraram com o Rei e seus soldados se preparando para montar o cerco na cidade.

Os cruzados então receberam de D. Afonso a proposta de lhe ajudarem, em troca o mesmo ofereceu como recompensa terras e ouro. Os cruzados então aceitam o pedido do rei e também dos bispos cercam Lisboa junto aos soldados portugueses. Não é uma batalha fácil. O cerco durou quatro meses, acabando com a vitória dos portugueses contra os muçulmanos.

Com a ajuda da igreja, o objetivo de D. Afonso Henriques, cristão, era além da cidade de Lisboa, expandir todo o território português e conquistar muitas outras cidades que estavam sob o domínio dos mouros, como por exemplo é o caso da cidade de Santarém, também conquistada pelo D. Afonso Henriques.

Em 16 de outubro, ao mesmo tempo que Afonso VII se cobria de glória em Almeria, uma mina fez cair a muralha. Os muçulmanos continuaram a lutar. Três dias depois, à um domingo, preparou-se o assalto final com recursos às máquinas de guerra e à retórica do bispo do Porto. No dia 20, uma torre móvel ficou sitiada pela maré-cheia da noite. Os de Lisboa mantiveram a resistência e atacaram o engenho com fogo, mas os cruzados conseguiram defendê-lo. Na manhã de 21, a subida da maré voltou a envolver a torre e a favorecer os muçulmanos, que continuaram a atacar com fogo e pedras. Quando as águas desceram, à sorte regressou à hostes cristãs: “Os inimigos, já cansados, abandonaram o combate, desiludidos de qualquer expectativa de futuro”³ (De Expugnatione Lyxbonensi, p. 111, apud LOURINHO, 2013, p. 153)⁴

3.2 O ROMANCE E A HISTÓRIA EM: HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA

O romance histórico na obra de Saramago se distancia de fato do conceito de Lukács explicado no primeiro capítulo, onde o mesmo possui suas raízes, segundo o filósofo, na obra de Walter Scott, por diversas razões que serão abordadas neste capítulo. É fato que as obras de Saramago, como dito anteriormente, são frutos de um período do romance histórico contemporâneo, que teve seu início em 1970 e perdura até os dias atuais. Caracterizado pela sua forma de resgatar a história passada e presente. Em especial Saramago se destaca nessa geração do romance português, e passa a ser considerado um dos mais influentes da literatura portuguesa. Em suas obras a história de Portugal tem papel de destaque, sempre

³ De, Expugnatione Lyxbonensi, p. 55

⁴ Inês Lourinho, Fontes cristãs e muçulmanas em confronto. Reflexões sobre a conquista de Santarém e Lisboa em 1147. In: João Luís Inglês Fontes, Lisboa medieval: Gentes, Espaços e Poderes. Lisboa: Instituto de estudos medievais, 2016.

buscando ao seu modo “infringir e subverter as formas e os valores tradicionais, tanto no âmbito da história, quanto no da ficção.” (ROANI, 2002. pág. 16.).

“Ao recriar a história, José Saramago a reinterpreta, transfigurando-a artisticamente e produzindo uma realidade caracterizada pelos anseios e dados subjetivos do escritor.” (ROANI, 2002. pág. 17).

Em seus romances, além da representação da história como base, pois muito do que há em História do Cerco de Lisboa é de fato, Saramago busca à consciência crítica a respeito das fontes. Por exemplo, Raimundo Silva não lê o livro buscando apenas erros gramaticais, ele vai além, observa também os erros anacrônicos, cometidos pelo próprio historiador, onde um costume ou situação não pode ser atribuído à determinado período, como por exemplo o discurso do rei, no qual o revisor evidenciou que pelo nível de sofisticação apresentado no discurso o mesmo não poderia ter sido escrito pelo próprio rei, algo que para ele se torna inadmissível, até que o mesmo é levado à rabiscar o NÃO que muda grande parte do sentido da história ali contada.

Percebe-se durante toda a obra que o revisor possui conhecimento aprofundado sobre o tema que está lendo, à ponto de que se sente apto a duvidar e criticar o que lê nas linhas do livro escrito pelo historiador. Essa característica bastante presente nas obras de Saramago mostra que ele também era erudito da história portuguesa. Muitas das fontes ele mesmo cita em sua obra são possivelmente verdadeiras, pois ainda estão sujeitas a investigações mais aprofundadas dos historiadores, como as cartas do cruzado Osberno (de expugnatione lyxbonensi), uma das mais famosas narrativas a respeito do Cerco de Lisboa, sendo registrada por uma testemunha ocular e participante direto no conflito.

No romance histórico saramaguiano há uma incansável busca pela veracidade dos fatos, mas também pela representação ficcional da história que busca, com base na verossimilhança, trazer dentro da própria obra uma representação daquilo que poderia ter acontecido. Em História do Cerco de Lisboa o revisor tem total conhecimento de que os cruzados ajudaram D. Afonso, todavia, no romance escrito pelo Raimundo Silva ocorre o contrário, mas ainda assim o mesmo busca em sua criação uma justificativa plausível para o ocorrido, buscando convencer o leitor de que aquele fato poderia ter acontecido daquela maneira.

A história tem papel importante no romance português contemporâneo, pois ela é a fonte para essas obras. E não apenas as fontes secundárias são importantes, as primárias principalmente, como volto a destacar as cartas do soldado Osberno. É certo como vimos em Lukács que a História é fonte pros romancistas históricos, todavia no romance histórico contemporâneo português, através das obras do José Saramago, ela possui uma participação diferente, pois além de ser fonte também é questionada e reavaliada sob o olhar do escritor.

O romance de Saramago permite-nos ver um espaço e um tempo fugidios pela força criadora de um grande texto, capaz de envolver à história em nebulosas contradições e dúvidas que não lhe aniquilam o sentido, antes realizam à sua multiplicação através de uma luminosidade fulgurante. (ROANI, 2002, p. 215)

Dessa forma torna-se evidente a quebra entre o romance histórico conceituado por Lukács e o romance histórico contemporâneo. Sendo assim, além da forma como o mesmo sofreu alteração ao longo do tempo, também sua relação com a história foi modificada.

Se antes do primeiro romance histórico a história era tida apenas como plano de fundo da narrativa literária, a partir de *Waverley*, do Walter Scott, a mesma possui papel de destaque e há agora uma maior importância da narrativa histórica dentro da obra, na busca de representação do passado como luta pelas mudanças e conflitos sociais ocorridos na época. No romance contemporâneo a história vai de fonte até matéria de crítica na obra. A metaficção ganha espaço e também a crítica aos fatos tratados no romance.

CONCLUSÕES

O romance histórico contemporâneo, mais especificamente o português, tem como uma de suas referências as obras de José Saramago. O escritor e romancista tem o dom de misturar de forma única em seus enredos o romance e a história, de uma maneira que nenhum outro autor ousou fazer. Em “História do cerco de Lisboa” esse fato é bastante pertinente e aparente, seja pela personalidade dos personagens ou até mesmo pelo núcleo da história e de como ela é criada e baseada em fatos históricos.

A História passou por mudanças significativas ao longo do tempo. A mesma, assim como diversas outras áreas do conhecimento existem paralelos ao ser humano. Sendo claro, aperfeiçoadas com o decorrer de sua evolução. Se decidir por registrar os acontecimentos sejam eles contemporâneos ou anteriores a nós, é um desejo que vem de longas eras.

Há relações entre a história e o romance histórico, isso é fato, mas à maneira como os mesmos dialogam é que se torna uma questão. Sendo assim, como para qualquer análise histórica que se sinta necessidade em fazer, é preciso antes de tudo delimitar um espaço e um tempo. Neste trabalho foi discutido o romance histórico contemporâneo português através da obra “História do Cerco de Lisboa” de José Saramago.

Nesse contexto, a história é contada de maneira não distorcida, mas a partir de um olhar mais crítico pelo autor. O romance histórico contemporâneo tem essa preocupação de criticar a História, e não de usá-la apenas como uma fonte para suas obras. Nesse contexto, os fatos passam por uma análise crítica do autor, onde cada ponto é importante e deve ser destacado. Sendo assim, o papel da História não é mais servir apenas como fonte, mas também como base para a escrita de uma nova, a partir do que poderia, segundo o próprio autor, ter acontecido.

Em “História do cerco de Lisboa” essa relação fica evidente desde o primeiro momento, onde há o diálogo entre o historiador e o revisor, e Raimundo então faz contestações a respeito do que vem a ser à história e à literatura, abarcando ambas em uma mesma posição. Ainda mais claro se torna essa relação quando o revisor passa a escrever sua própria história do cerco, contando através do uso de suas próprias fontes sobre o fato o que poderia ter acontecido. No caso da história do

cercos, a grande diferença entre a ficção e a História em si está na resposta dos cruzados ao Rei. Esse é o ponto chave do romance.

Essas relações são antigas, a História e a Literatura sempre estiveram uma ao lado da outra nas narrativas, e apesar de cada uma possuir seu papel dentro de cada trama, a linha que as divide é bastante tênue, levando muitos historiadores e teóricos literários a estudarem e pesquisarem as ligações entre elas. Com certeza da mesma maneira que até aqui essas relações passaram por diversas mudanças e continuidades, é certo que depois não será diferente. A sociedade é mutável e interativa, sempre há mudanças ocorrendo em seu âmbito e entre as áreas do conhecimento.

Por fim, é importante ressaltar ainda como este trabalho pode auxiliar os professores que atuam dentro da sala de aula, em especial na educação básica. Como pôde ser percebido, a relação entre História e Literatura perpassa o tempo e tais áreas citadas. Estudar e trabalhar esta relação também pode ser de extrema importância no processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos anos do Ensino Fundamental e Médio. Trabalhar autores de romances históricos dentro das aulas da disciplina de História pode ser um ótimo meio de despertar nos estudantes a curiosidade sobre os fatos ali estudados, visto que a forma como tais assuntos são abordados dentro da História e da Literatura possui suas especificidades. Por exemplo, trabalhar “História do cerco de Lisboa” para se debater um pouco sobre a história de Portugal, ou até mesmo as relações da sociedade europeia daquele período é uma ótima alternativa para atrair a atenção do aluno e o seu interesse pelo assunto trabalhado naquele momento.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales 1929 - 1989: A revolução francesa da historiografia**. São Paulo, Editora Unesp: 1992
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Algés, DIFEL: 2002
- COSTA, Robson. **Introdução aos estudos históricos**, volume 1 e 2: UFRPE, 2010
- FONTES, João Luís Inglês et al. **Lisboa medieval: Gentes, Espaços e Poderes**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2016
- GRECO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise do conceito de representação. In: **Revista brasileira de História e Ciências Sociais**: Vol. 6 N° 11, Julho de 2014.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: História. Teoria. Ficção**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1991.
- KUNTZ, Maria Cristina Vianna. A metaficção historiográfica em História do Cerco de Lisboa. São Paulo. In: **Revista do CESP** - v. 22, n. 30 - jan - jun. 2002.
- LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011
- ROANI, Gerson Luiz. **No limiar do texto: literatura e história em José Saramago**. São Paulo: Annablume, 2002
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011